Acervo ISA

Roberto / Lozi

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data / /
Cod. KVD00052

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL
MISSÃO ENTRE OS ÍNDIOS KULINA DO ALTO PURUS
RIO BRANCO - AC

RELATÓRIO DE 1988

P. col. NELSON DEICKE
Pa.col. JANDIRA KEPPI

Rio Branco, dezembro de 1988

Acervo ISA

ÍNDICE

1 - OS ÍNDIOS KULINA DO ALTO PURUS 3
1.1 - Situação das comunidades Kulina do Alto Purus 3
1.1.1 - Situação geral 3
1.1.2 - Economia 4
1.1.3 - Educação escolar 5
1.1.4 - Saúde 6
1.1.5 - Cultura 6
1.2 - Situação da terra 7
2 - NOSSA ATUAÇÃO 10
2.1 - Ponto de partida 10
2.2 - Metodologia usada 11
2.3 - Áreas de atuação 11
2.3.1 - Organização dos Kulina 11
2.3.1.1 - Assembléia do Alto Purus 12
2.3.1.2 - Assembléia da UNI - AC 12
2.3.1.3 - Assembléia Kulina no Cacau 13
2.3.2 - Educação 14
2.3.3 - Saúde 14
2.4 - Participação em cursos e encontros 15
NOTAS 16

Acervo ISA

1 - OS ÍNDIOS KULINA DO ALTO PURUS

Pretende-se aqui dar uma visão geral da situação das comunidades Kulina do Alto Purus, da política indigenista oficial e da influência desta na vida dos Kulina.

1.1 - SITUAÇÃO DAS COMUNIDADES KULINA DO ALTO PURUS

1.1.1 - Situação Geral

Os Kulina do Alto Purus constituem uma população aproximada de 446 índios[1], distribuídos em seis aldeias: Santa Júlia, Santo Amaro, Ipiranga, São Vicente, Sobral e Maronáua . Além disto, há um núcleo chamado Tucandeira, onde moram duas famílias, que saíram de Maronáua (família de Codó Kulina e de seu filho Ahuano Kulina).

No momento, as duas aldeias mais populosas são Sobral e Santa Júlia. A comunidade de Maronáua teve um aumento do número de habitantes. Trata-se, principalmente, de parentes que vieram do rio Envira para morar em Maronáua. Tal migração se deu devido a rivalidades internas existentes nas comunidades Kulina do Envira, as quais resultaram até em mortes.

A comunidade de Santo Amaro está passando por um momento difícil. Nota-se desorganização interna, forte consumo de bebidas alcoólicas e conseqüentes brigas, desestímulo para plantar roçado. Há também uma certa marginalização desta comunidade por muitos Kulina de outras aldeias. Quando acontece um caso de doença ou morte que os Kulina atribuem ao dori (feitiço)[2], indicam um pajé de Santo Amaro como o culpado.

A comunidade de São Vicente também apresenta problemas de desestruturação interna. Esta aldeia é constituída principalmente pela família de Nojo Kulina, que é o tuxáua. Este ,ora tem falado em mudar para um antigo núcleo Kulina, chamado Santo Antônio, ora em ir trabalhar para um fazendeiro próximo de Santa Rosa. Se isto acontecer, trata-se de um enorme retrocesso, pois os Kulina, que antigamente eram peões de fazendeiros e seringalistas, na atualidade

trabalham para si mesmos em suas comunidades, assegurando sua terra através da ocupação produtiva da mesma.

Percebe-se também nesta comunidade um forte consumo de bebidas alcoólicas, conseguidas do marreteiro. Além disto, Nojo facilita a entrada de pescadores "brancos" num lago perto de sua aldeia, que fica dentro da área indígena. Isto é criticado pelas outras lideranças, que vêem os lagos da área como fonte de alimentação para os índios e pensam que os mesmos são de direito exclusivo das comunidades.

Esta consciência de preservação, fez com que os Kulina de Santo Amaro e Ipiranga, em fins de julho, fechassem a entrada do rio Chandles, afluente do Purus, a fim de impedir a entrada de caçadores e pescadores "brancos". Houve até uma tentativa de culpar o Pe. Paolino Baldassari desta ação, contudo a mesma não teve nenhum fundamento, pois, nesta época, ele se encontrava na aldeia de Sobral, desenvolvendo seu trabalho de assistência e apoio à agricultura.

Os "brancos", além de pescarem quase sempre sem dar nada significativo em troca, tiram o peixe melhor em grandes quantidades, pois possuem material de pesca mais sofisticado. Além disto trata-se de caça e pesca para a venda em Manuel Urbano e Sena Madureira.

As demais aldeias, no geral, estão mais bem organizadas internamente. Existem nelas lideranças mais expressivas, que animam, orientam e aconselham suas comunidades, através de longos discursos em reuniões, realizadas nos terreiros das aldeias. Nota-se aí a importância do taminé (chefe Kulina) dentro da vida Kulina. Com sua generosidade, bom discurso e capacidade de aconselhar, ele dá vida à comunidade.

1.1.2 - Economia

Neste ano, todas as aldeias Kulina fizeram seus roçados de subsistência, plantando macaxeira, banana, melancia, amendoim, milho, cará, etc. Tais roçados constituem, na atualidade, parte essencial da economia Kulina. Sem eles há fome e, conseqüentemente, maior número de doenças. Merece aí atenção o importante trabalho do Pe. Paolino Baldassari, da Paróquia de Sena Madureira, que todos os anos sobe o rio Purus para acompanhar os Kulina no trabalho dos roçados, animando as comunidades, inclusive as mais desestruturadas, e dando-lhes assistência.

Além dos roçados, os Kulina ainda estão trabalhando na extração da borracha. Embora o sistema de cooperativas não tenha funcionado,

Acervo ISA

a borracha constitui uma fonte de renda segura para a aquisição dos produtos necessários: roupas, sal, querosene, munição, etc. Para a compra destes produtos, ainda fazem o artesanato (principalmente as mulheres).

Junto à agricultura de subsistência e à extração da borracha, a caça e a pesca ainda são fundamentais para a sobrevivência Kulina, pois é o principal meio de obterem carne, a qual é indispensável, pois contém as proteínas necessárias para complementar a alimentação que provém dos roçados, constituída basicamente de amidos. Criam algumas galinhas e porcos, mas, na maioria das vezes, estes são usados para a troca por outros produtos necessários.

Há comunidades que já possuem algumas cabeças de gado doadas pelo Pe. Paolino Baldassari, mas as mesmas, no momento, ainda não podem ser apontadas como fonte de alimentação, por serem poucas.

1.1.3 - Educação escolar

Em todas aldeias há professor Kulina e local de aula. Atualmente existem dez professores: três em Sobral, dois em Santo Amaro e um em cada uma das demais aldeias. Cinco já são contratados pela Secretaria de Educação e cinco estão em vias de contratação.

A escola não funciona de uma forma sistemática. Não há divisão de turmas e não há um calendário escolar. As aulas, por vezes, ficam paradas quando o professor sai, ou está em outras atividades. Contudo, a educação escolar não fica parada, pois sempre há alguém ajudando o não alfabetizado.

Vê-se muito interesse, tanto de crianças como de adultos, em aprender "a magia da escrita e dos números". Há muitos que lêem e escrevem na sua língua, mas poucos que dominam as quatro operações da matemática. Para os Kulina o raciocínio abstrato, exigido pela matemática, é muito difícil.

Tem aumentado, nos últimos tempos, o interesse pelo português, o qual, mesmo com dificuldades, é falado pela maioria dos homens, mas não é dominado na escrita.

Toda esta preocupação e interesse pela escola, se deu e ainda se dá, devido ao contato com o "branco", o medo e a vontade de defender seus direitos, sua terra e de terem meios para continuar a sua vida. Daí vem o interesse em aprender escrever a linguagem do "branco", para entender as suas leis e poder se defender.

Acervo ISA

1.1.4 - Saúde

As doenças mais comuns são: gripe, verminose, pneumonia, doenças venéreas, tuberculose, desidratação, etc. Houve neste ano também alguns casos de coqueluche.

Para o tratamento das doenças usam a pajelança, medicamentos farmacêuticos e ervas medicinais. Contudo, para os Kulina, a pajelança é o mais importante. A maior parte das doenças é atribuída ao dori (feitiço). Este, por sua vez, é tratado, num ritual de cura, pelo pajé. Entretanto, quando há possibilidades de recursos, muitas vezes combinam a pajelança com os remédios farmacêuticos e ervas medicinais, mesmo ainda atribuindo a cura à pajelança, ou a morte ao dori.

A pajelança é fundamental para os Kulina. O doente se sente acolhido e assistido pela comunidade, a qual, por sua vez, coloca todas as suas sabedorias em prol do doente. Muitas vezes, nota-se uma incrível recuperação do paciente. Não se sabe se isto ocorre por conforto, acolhimento, ou por magia. De outro lado, por vezes, a pajelança pode ser problemática, quando uma doença como tuberculose, por exemplo, é atribuída ao dori e o doente não quer ir à cidade buscar assistência[3], passando noites em claro nos rituais de cura, muitas vezes no frio e no sereno.

1.1.5 - Cultura

Apesar dos longos anos de contato com os "brancos", os Kulina são muito resistentes culturalmente. Mesmo usando roupas, relógios, sal, querosene e outras coisas da sociedade envolvente, eles mantém ainda quase todos os seus antigos costumes. Além disto, não são totalmente dependentes destes poucos produtos que compram. Quando alguma coisa falta, eles dão um jeito de substituí-la por outra.

A situação geográfica do Alto Purus pode contribuir bastante para este quadro. No entanto, na aldeia Kulina do Cacau, distante apenas uma hora a pé da cidade de Envira-AM, também se vê esta mesma preservação cultural. Daí pode-se afirmar que a resistência cultural não se deve tanto à situação geográfica, mas é uma característica própria do povo Kulina.

A sociedade Kulina é estruturada em clãs (sistema de parentesco das famílias extensas). Há, por exemplo, o clã da traíra (ssaco madija), o clã da onça (dsomaji madija), o clã do peixe jejum (ccorobo madija) e muitos outros. Toda a vida Kulina gira em torno da

Acervo ISA

relação entre estas parentelas.

A economia é de reciprocidade. Trata-se de relações de "troca" entre as parentelas. A caça, a pesca, a coleta, o produto da roça, tudo é, de certa forma, repartido. A principal característica deste sistema é o impedimento do acúmulo e, conseqüentemente, a inexistência de divisão da sociedade em classes sociais. Até mesmo os tuxáuas não possuem mais do que os outros. A própria comunidade exige muito dele em termos de dar o que tem. Ele reparte com bom gosto, mantendo com isto o seu prestígio. Seu único poder é a generosidade e o discurso[4].

Apesar do contato, os Kulina ainda mantém, quase que intactos, todos os seus ritos e expressões religiosas. Na vida da aldeia estes ritos, acompanhados de canto e dança, são freqüentes. Quando não acontecem, é porque há problemas e desestruturação. Aí a vida fica parada e não há ânimo para o trabalho.

1.2 - SITUAÇÃO DA TERRA

A Área Indígena do Alto Purus ainda não está demarcada. O processo de delimitação trancou no Grupão, pois o CSN se opõe a demarcar terras indígenas na faixa de fronteira. Atualmente a área está interditada, conforme portaria PP2748/87.

Com o atual projeto de asfaltamento da rodovia BR 364, que liga Porto Velho a Rio Branco e, posteriormente, até Cruzeiro do Sul, dentro de uma perspectiva mais ampla de uma ligação rodoviária do Atlântico ao Pacífico, o governo brasileiro pediu um financiamento , para a realização desta obra, ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) de US$ 146,7 milhões[5].

Por diversas pressões de entidades ambientalistas nacionais e internacionais, feitas ao BID a respeito de que este pudesse vir a financiar mais uma obra que contribui para a devastação acelerada e desordenada do terceiro mundo, o Banco exigiu do governo brasileiro um Plano de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas (PMACI).

Com o PMACI, foi visto como melhor forma de proteção contra os futuros impactos do asfaltamento da BR-364, a imediata demarcação das áreas indígenas e a criação de Reservas Extrativistas para os seringueiros.

O governo brasileiro, através do decreto lei nº 94945 , numa atitude inconstitucional, pretende dividir os índios em acul-

Acervo ISA

turados e não-aculturados e demarcar suas terras em forma de Área Indígena para os considerados não-aculturados e em Colônias Indígenas para os considerados aculturados. Os critérios desta divisão deveriam ser elaborados pela FUNAI. No entanto, antes mesmo de fixar qualquer critério, houve a tentativa de demarcar diversas áreas aqui do Acre como Colônia Indígena.

Todo este quadro de acontecimentos trouxe muita preocupação para os índios do Acre e sul do Amazonas. Em reuniões e assembléias indígenas, a questão foi amplamente debatida. Todos se posicionaram contra a implantação de Colônias Indígenas e contra a divisão dos índios em aculturados e não-aculturados.

Após longas discussões, houve uma reunião em Rio Branco entre representantes do governo brasileiro, do BID, de lideranças indígenas e de entidades indigenistas. Ainda houve, nesta reunião, a tentativa, por parte do governo, em convencer os índios a aceitarem as Colônias Indígenas. Contudo, eles se mantiveram firmes na sua posição exigindo a demarcação das terras como Áreas Indígenas. Caso contrário poderiam suspender as ações do PMACI.

Para resolver este impasse, depois de negociações, foi decidido que todas as terras indígenas atingidas pelo PMACI, seriam interditadas, que o governo brasileiro faria um levantamento de necessidades, com fins de assistência social das comunidades indígenas, que haveria um programa de fiscalização ambiental e que haveria a demarcação das terras indígenas somente se as comunidades a aceitassem.

Em junho deste ano, subiram dois helicópteros na área do Alto Purus a fim de fazerem o levantamento de necessidades e o levantamento demográfico. A equipe que chegou na aldeia de Sobral era composta por: um representante do CSN, um da FUNAI de Brasília e um da SEPLAN do estado do Acre. Aí fizeram um apontamento das seguintes necessidades: material de corte de seringa, barco e motor, gado e forno para torrar farinha. Permaneceram nesta comunidade apenas cerca de meia hora. O assunto Colônia Indígena não foi mencionado. Nas outras aldeias, por informação das lideranças, a equipe viu a possibilidade da implantação da Colônia Indígena, mas todos os índios foram contra.

Em setembro, houve uma reunião do Grupão, onde foi discutido acerca dos modelos de demarcação das terras indígenas do Acre e do sul do Amazonas. Desrespeitando a posição dos índios, foi prevista a implantação de Colônias Indígenas em várias áreas. A Área do Alto

Acervo ISA

Purus, felizmente, ficou prevista como Área Indígena, na redação definitiva do PMACI, sem diminuição nem cortes, conforme a auto-demarcação dos Kulina e Kaxinauá realizada em 1984, publicada no jornal "O Rio Branco" de 2 de dezembro de 1984. No entanto, isto ainda não dá nenhuma garantia de demarcação da terra. As preocupações e a luta dos Kulina e Kaxinauá do Alto Purus pela preservação de sua área ainda continua.

Acervo ISA

2 - NOSSA ATUAÇÃO

Pretende-se com este capítulo dar uma visão geral do nosso trabalho entre os Kulina, nas diversas áreas(educação, saúde e organização) e da resistência dos Kulina na defesa dos seus direitos.

2.1 - PONTO DE PARTIDA

A presença da igreja junto aos povos indígenas é resposta ao envio evangélico de anunciar a Boa Notícia a todos os povos.

Na experiência do Êxodo e na Cruz de Cristo, Deus mostra sua atenção especial pelo fraco, pobre, escravo, oprimido. Lutero chega a falar no Deus absconditus. Para reconhecê-lo é preciso olhar para o Cristo crucificado. É ali que Deus revela o seu poder. O Cristo Crucificado mostra que Deus se revela num lugar sócio-político bem determinado: na miséria; na vergonha deste mundo. Ele se humilha na cruz para mostrar que é contrário a tudo o que o levou até a mesma. Ele se humilha para mostrar que está junto com aqueles que sofrem. Ele se revelou na fraqueza para se tornar forte nos fracos[6].

Olhando para a experiência do Êxodo e da Cruz, a igreja hoje, na América Latina, não pode deixar de dar atenção em especial para o pobre, para o miserável, para o fraco. Não se trata de uma opção, ou ideologia, mas de fidelidade ao Evangelho. A pobreza latino-americana, por sua vez, exige da igreja este compromisso.

A atuação da IECLB entre os índios Kulina do Alto Purus, por seu turno, é uma das formas concretas de assumir o compromisso do anúncio da Boa Nova; de olhar para o fraco.

Hoje, porém, já não se pode mais cair no erro do passado, onde a missão não respeitava nada do índio, da sua cultura. Reconhecendo os erros do passado, passa-se agora a ver novas formas de ser presença libertadora em meio aos índios.

Missão deve criar comunhão, comunidade e não desestruturação social ou submissão. O Reino de Deus, conteúdo central da pregação de Jesus, anunciado como esperança escatológica e vivido já agora

Acervo ISA

em sinais concretos, só poderá criar união. Onde isto não estiver acontecendo, há sérios problemas na missão.

Nas comunidades Kulina a comunhão ainda é muito mais viva do que na nossa sociedade. Contudo, a vida destes índios em muitos aspectos está seriamente ameaçada: a questão da terra, saúde, economia, etc. A Boa Notícia, entre os Kulina, deverá responder às suas preocupações, a tudo aquilo que tira a comunhão; que tira a vida deste povo-resto [7]. Numa atitude de amor , respeito pela outra cultura e paciência, a missão entre os Kulina,hoje, precisa desempenhar uma ação concreta de solidariedade e apoio aos anseios deste povo, sem se esquivar das perseguições e dos ataques, de ter a cruz como conseqüência, numa postura dialética de ensinar e aprender. Aliás, temos muito a aprender com as comunidades indígenas.

2.2 - METODOLOGIA USADA

Dentro da dialética ensinar/aprender , procuramos uma inserção na vida dos Kulina através de uma convivência parcial, numa alternância entre cidade e aldeia. Basicamente são dois os motivos que nos levam a adotar esta metodologia: a situação geográfica das comunidades Kulina e a necessidade de ter informações e participação do movimento indígena que ocorre na cidade, bem como da política indigenista oficial. Os próprios Kulina exigem, do agente que atua na área, tais informações. Sem elas não lhes é possível articular uma forma de defesa frente aos problemas externos.

Com esta prática procuramos conhecer a cultura Kulina, a sua economia de reciprocidade, as relações entre os clãs, seus problemas e anseios e estudar a sua língua, contribuindo em tudo aquilo que possa servir à comunidade para a organização de sua auto-defesa.

No estudo da língua, ultimamente, temos trabalhado com informantes, dando mais atenção aos verbos e à estrutura frasal, visto que já conhecíamos uma série de vocábulos. Houve, neste estudo, um bom aproveitamento. Já conseguimos obter uma comunicação razoável, mas ainda há muito a aprender.

2.3 - ÁREAS DE ATUAÇÃO

Conforme reivindicação dos próprios Kulina, atuamos, basicamente, na organização para a defesa da terra (movimento indígena), educação e saúde.

2.3.1 - Organização dos Kulina

O nosso trabalho em relação à organização Kulina consiste no incentivo, no apoio financeiro para a realização de encontros e assem-

Acervo ISA

bléias e no fornecimento de informações.

Mesmo as aldeias de Santo Amaro e de São Vicente estarem com alguns problemas[8], pode-se afirmar que os índios Kulina estão, relativamente, bem organizados na defesa dos seus direitos. Há assembléias internas em cada aldeia, onde o tuxáua orienta a comunidade para não brigar, não roubar, plantar roçado, cortar seringa, etc. Há assembléias a nível da Área do Alto Purus, incluindo aí a aliança com os Kaxinauá do Recreio e da Fronteira, mesmo que esta se dê mais a nível de lideranças e se concretize mais no que diz respeito à terra. Há assembléias, de dois em dois anos, de todo o povo Kulina. Por fim, há a participação dos Kulina no movimento indígena, de uma forma geral, e nas assembléias da UNI-AC, realizadas, ordinariamente, uma vez por ano.

O trabalho de apoio à organização exige de nós uma atuação em todo o Alto Purus. O Pe. Paolino Baldassari não dispõe de tempo para acompanhar este trabalho durante todo o ano, visto que também atua na Paróquia de Sena Madureira. O chefe de posto da FUNAI permanece mais com os Kaxinauá.

2.3.1.1 - Assembléia do Alto Purus

Realizou-se em julho deste ano uma assembléia na aldeia Kaxinauá Fronteira. Participaram lideranças Kulina, Kaxinauá, Jamináua, o chefe de posto da FUNAI e o Pe. Paolino Baldassari. Não participamos, pois, neste período, estávamos em Plácido de Castro, no curso de monitores Kulina.

A assembléia foi convocada pelo chefe de posto da FUNAI para resolver um problema relacionado aos Jamináua, da aldeia Palmari. O tuxáua Kaxinauá Pancho, da aldeia Recreio, queria que os Jamináua deixassem aquele local. Segundo Pancho, os Jamináua estariam roubando nos seus roçados e fazendo fofocas a respeito de sua gente. Outros já falavam que ele queria pegar as estradas de seringa dos Jamináua.

Nesta assembléia, decidiram que os Jamináua poderiam ficar. Contudo, ainda há uma insatisfação por parte de Pancho.

2.3.1.2 - Assembléia da UNI-AC

Nos dias 14 a 20 de abril participamos, com as lideranças Kulina, da Assembléia da UNI-AC. Vieram três lideranças Kulina do Alto Purus: Rimaná, de Sobral; Sabino, de Ipiranga ; Sabino, de Santa Júlia.

Houve uma tentativa de convencer as lideranças Kulina do Alto

Acervo ISA

Purus a não virem neste encontro, por parte do chefe de posto da FUNAI. O mesmo se deu em relação aos Kaxinauá. Mesmo assim, as lideranças Kulina imediatamente vieram conosco e os Kaxinauá (Mário e Pancho) vieram depois. Tal atitude da FUNAI se deu, porque estava em jogo a questão da implantação de Colônias Indígenas no Alto Purus.

A assembléia foi muito importante, pois, pela primeira vez aqui no Acre, os próprios índios coordenaram toda a discussão. Nas assembléias anteriores a coordenação ficava com as entidades e com a própria FUNAI.

As principais questões discutidas foram: Colônia indígena, saúde, educação e alternativas econômicas. No final da assembléia todas as lideranças fizeram um documento contra as Colônias Indígenas.

Para os Kulina a participação nesta assembléia foi fundamental, pois sua área estava em jogo e havia várias versões sobre o que é Colônia Indígena. A assembléia proporcionou um esclarecimento sobre o que significa uma demarcação de terra neste molde. Pode-se perceber isto muito bem quando os tuxáuas que vieram conosco alertavam suas comunidades sobre os perigos da Colônia Indígena.

2.3.1.3 - Assembléia Kulina no Cacau

Aconteceu nos dias 9 a 17 de setembro a quinta Assembléia Kulina na aldeia Cacau, município do Envira-AM.

O momento histórico atual é considerado pelos Kulina tão importante para a sobrevivência cultural e humana, que não mediram sacrifícios para irem a este encontro. Enfrentando as longas viagens, vieram cerca de 400 Kulina (homens, mulheres e crianças) das bacias do rio Purus e do Juruá.

Foram diversos os pontos discutidos: vida interna nas aldeias, escola, saúde, roçados, pajelança, terra , etc. O auge da discussão se deu em torno da questão da terra. Neste sentido, foi elaborado um documento, que contou com mais de duzentas assinaturas, onde os Kulina se posicionam unanimemente contra as Colônias Indígenas e pedem que suas terras sejam demarcadas de acordo com suas reais necessidades, respeitando as terras tradicionais, onde viveram os seus antepassados e, inclusive, as delimitações feitas pela própria FUNAI.

Foi elaborado também um documento pedindo os salários dos professores do Juruá-AM, que estão em atraso desde janeiro deste ano, assinado por eles e pelos tuxáuas.

Acervo ISA

Marco importante foi também a participação das mulheres, que pela primeira vez falaram numa assembléia desta natureza, e a discussão da necessidade do rompimento da dependência com os brancos, através de uma ocupação produtiva da terra.

2.3.2 - Educação

No trabalho da educação continuamos dando assessoria aos professores, especialmente aos de Sobral, e dando aula de Português e de Matemática em Sobral, conforme pedido dos Kulina.

Neste ano, em julho, participamos, pela primeira vez do curso de formação e reciclagem de monitores, realizado em Plácido de Castro.

Os conteúdos principais deste curso foram Português e Matemática, conforme pedido dos monitores, no curso anterior. Além disto, foi estudada a língua Kulina, saúde, conjuntura política e foi feito o exercício em uma cartilha de alfabetização.

Tivemos a participação de três assessores: Vânia (UNICAMP), na Etnomatemática; Abel O. Silva, na língua Kulina; Sandra (CIMI-RO), na saúde. O restante das aulas foi administrado pela equipe Kulina (Nós, Walter e João de Azevedo - assessor de educação do CIMI-AC). Tivemos ainda a ajuda do estagiário da OPAN, Henrique e da visitante do GTME, Denise e de Antônio, que atua entre os Kulina em Tefé.

Em seu todo, o curso foi positivo. Houve interesse e boa participação dos Kulina. O próximo curso será em outubro de 1989, continuando a enfatizar a Matemática e o Português, conforme pedido dos Kulina na avaliação final do curso.

2.3.3 - Saúde

Trabalhar na área da saúde é uma exigência básica para qualquer pessoa que irá atuar entre os Kulina. No Alto Purus, este trabalho é difícil devido às distâncias e à falta de mais pessoas.

O chefe de posto da FUNAI raras vezes traz remédios para os Kulina. Deste modo, todas as aldeias pelas quais a gente passa pedem remédios (aspirina, penicilina, soro reidratante, etc.). Procuramos dar uma ajuda, na medida do possível, dando remédios, na maioria das vezes conseguidos da CEME, às pessoas responsáveis por esta área dentro de cada aldeia, escrevendo sempre, em Kulina, como devem ser usados e para que servem. Muitos remédios eles já conhecem.

Em Sobral e Maronáua temos a oportunidade de dar mais assistên-

Acervo ISA

cia nesta área e acompanhar o monitor de saúde Manuel mais de perto.

Seria bom, neste sentido, pensar em cursos de formação na área da saúde para os Kulina, pois assim eles não dependeriam tanto de nós. Com um curso de saúde poderiam também entender melhor as causas das doenças e como prevenir-se contra elas.

Neste ano a vacinação foi realizada pela prefeitura de Manuel Urbano[9]. Não se sabe se farão a vacinação no próximo ano, visto que a praxe é dar este atendimento aos povos ribeirinhos só em épocas de eleição.

Neste ano houve uma morte em Sobral e uma em Maronáua; Trata-se de uma criança que nasceu morta, devido a problemas no parto, e um rapaz de 18 anos, de nome Abel Kulina, devido a uma doença não identificada[10].

2.4 - PARTICIPAÇÃO EM CURSOS E ENCONTROS

Neste ano participamos do encontro de saúde e educação da OPAN/CIMI, em Cuiabá, nos dias 14 a 18 de janeiro; num curso de lingüística, promovido pelo GTME, realizado no período de 1 a 22 de fevereiro, em Cuiabá; na Assembléia do CIMI regional Amazônia Ocidental, realizada em Rio Branco, em março; no encontro sobre organização indígena, em Manaus; no mês de outubro; na Assembléia do CIMI Amazônia Ocidental, em dezembro.

P.col. Nelson Deicke

Pa.col. Jandira Keppi

C/C:
Secretaria de Missão da IECLB
DERN
COMIN
P. Roberto Zwetsch e Pa.Lori Altmann.

P. Friedrich Gierus
Rolf D. Assmann EZE
CIMI Reg. Amazônia Ocidental
P. Hans G. Herrlinger
(Ev. Luth. Kirche in Bayern)
Centro de Pesquisa

Acervo ISA

NOTAS

1 - Levantamento demográfico: Sobral - 140 pessoas (Cf. Anexo: População Kulina da aldeia de Sobral); Maronaua - 58 ; São Vicente - 28; Tucandeira - 8; Ipiranga - 30; Santo Amaro - 89; Santa Júlia - 93; Total - 446.

2 - Dentro da cultura Kulina quase toda doença é vista como dori (feitiço). O dori é posto na pessoa pelo dsopineje (pajé). Por sua vez, um outro pajé poderá tirá-lo da pessoa doente. Contudo, quando o doente morre, é porque o dori teria sido forte e passam a temer o suapeito causador, ou até,por vingança, matá-lo.

3 - A tuberculose é tratada na Casa do Índio em Rio Branco, pois é difícil fazer o tratamento em área. Os Kulina ainda nao possuem uma auto-disciplina para tomarem remédios na hora certa, por um longo período de tempo (tuberculose - tratamento de 6 meses).

4 - Cf. _____ Kulina o povo do riso. In.: Porantim. Em defesa da causa indígena(Suplemento). Brasília, julho/ agosto de 1988, ano XI, nº 110. p. 3.

5 - Cf. _____ O Rio Branco. Rio Branco, 18.09.88.

6 - Para maiores detalhes cf.: Martin DREHER, A Theologia Crucis de Lutero e o Tema da Teologia da Libertação. In.: Estudos Teológicos. Nº 2 . 1988. Ano 28. p. 140ss.

7 - Os índios Kulina sofreram uma enorme depopulação na segunda metade do séc. XIX, período do auge da extração da borracha . Patrões seringalistas organizavam expedições destinadas a exterminar os índios, chamadas "correrias". Além disto, o grande número de nordestinos, amazonenses e peruanos que, com a ilusão de enriquecer extraindo borracha, vieram para o Acre neste período, trouxeram consigo uma série de doenças que atingiram também os Kulina. Há até relatos de uma epidemia.

8 - Cf. ítem 1.1.1 - Situação Geral

9 - Foi feita a tríplice e a antipólio. A primeira dose foi em maio e a segunda em agosto.

10 - Cf. anexo A morte de Abel.

Acervo ISA

A MORTE DE ABEL

Abel Kulina, solteiro, com idade aproximada de 18 anos, filho de Mará Kulina e Ahuita Kulina, da aldeia de Maronáua faleceu no dia 1º de junho de 1988, às 11:40 h.

No dia 29 de maio, à tardinha, Abel foi trazido para Sobral a fim de que os pajés desta aldeia o curassem. Em Maronáua só havia dois pajés. Em Sobral há vários. Fizeram isto, porque, segundo os Kulina, sua doença era dori (feitiço) colocado por um pajé.

À noite, iniciou-se a pajelança, com vários pajés, e se estendeu até a madrugada. No dia 30 fomos ver Abel. Estava deitado na rede, mas não se podia notar nada grave. Nos disse que tinha fortes dores de cabeça com algumas alucinações e dor no peito. Não tinha febre, nem gripe ou qualquer problema respiratório. Suspeitamos de que ele podia ter se machucado interiormente fazendo esforço na construção de uma casa, alguns dias antes. Explicamos nossas suspeitas ao monitor de saúde e pedimos que ele lhe aplicasse uma penicilina Benzetacil.

Na noite do dia 30 foi reiniciada a pajelança. No início havia poucos pajés atuando, mas como Abel gritava com as sucções, os demais pajés da aldeia foram chamados para ajudar. Ao todo eram aproximadamente treze. Desde esta noite até o dia 1º, a comunidade inteira se mobilizou em função de tentar curar Abel.

Nesta noite, não sabíamos ao certo o que fazer. Optamos então por não interferir com remédios farmacêuticos, uma vez que a comunidade achava que era dori e os remédios não ajudariam em nada.

Na manhã do dia 31, Abel se apresentava em estado gravíssimo. Estava com os olhos paralisados, respiração acelerada, forte e alta, pulmão esquerdo "roncando", pulsação acelerada, dor no lado direito do abdomem, pois quando apertava nesta parte ele dava chutes. Estava muito agitado e com convulsões. Chegou a morder sua língua. Sempre tinha quatro ou cinco pessoas o segurando para que os pajés pudessem trabalhar. Não se entendia o que Abel falava.

A partir disto tivemos novas suspeitas: pneumonia - pulmão "roncando"? ; apendicite e pneumonia? uma forte enxaqueca ?

Depois disto ainda ficamos sabendo que o monitor de saúde não tinha aplicado a penicilina, por achar que se tratava de dori. So-

mente com o consentimento do tuxáua Rimaná, conseguimos aplicar uma Benzetacil, único tipo de penicilina que tínhamos. Rimaná permitiu a aplicação, achando que isto ajudaria a tirar o dori. (Ele também é pajé). Aplicamos a injeção, mesmo com o protesto do restante da comunidade. Depois disto resolvemos não interferir a não ser que eles pedissem.

Mais tarde soubemos que Abel, desde a sua infância, tinha fortes dores de cabeça, chegando a desmaiar quando fazia algo como correr ou jogar bola. Assim, chegamos a suspeitar de algum problema no cérebro, como algum coágulo ou algo semelhante, que pudesse existir a mais tempo e ter piorado naquele momento e se agravado mais ainda com a pajelança.

Nesse dia, 13 pajés atuaram intensivamente, fazendo sucções na nuca, no pescoço, no peito e no abdomem. Também usaram a folha de alfa-vaca para tirar a dor do corpo. Esfregavam-a constantemente no rapaz.

Somente na parte da tarde pediram que aplicássemos outra penicilina. Como ele já conseguia engolir, começamos a dar ampicilina oral. À noite demos-lhe outra Benzetacil.

Conforme a nossa avaliação e a dos pajés, neste momento, Abel apresentava um pouco de melhora. Chegou a tomar umas colheres de leite e mingau de banana. Falou algumas palavras soltas entendíveis.

Às 22 h. deste dia (31) Abel colocou muito sangue pelo nariz e pela boca. Começaram aí os choros (cantos) de lamentação. Os pajés pararam de atuar. Também não aplicamos mais nenhum medicamento e nem nos pediram que aplicássemos. Estavam esperando a sua morte. Abel continuou a colocar muito sangue pela boca ;coágulos. Às 11: 40 h. do dia 1º de junho Abel faleceu.

ENTERRO

Antes mesmo de Abel dar o último suspiro, os rapazes foram convocados para fazerem a sepultura e o caixão. Alguns se pintaram com urucum, para que o espírito do falecido não entrasse neles.

Momentos antes de fechar o caixão, algumas pessoas se despediram de Abel, beijando-lhe o rosto. Nesse momento houve muito choro de lamentação.

A maior parte da comunidade foi junto até o cemitério . Na ho-

Acervo ISA

ra de fechar a sepultura, todos pegaram um punhado de terra, jogaram no buraco e correram para casa com medo do espírito de Abel.

À noite a comunidade estava mais calma. O velho Samuel, contador de histórias, reuniu alguns para contar histórias antigas.

A família de Abel ficou alguns dias a mais em Sobral para cuidar dele. Limparam o cemitério, fizeram uma cerca ao redor da sepultura e pregaram uma cruz. As vezes, colocavam comida perto da sepultura e, nas noites frias, faziam fogo ali. Alguns dias depois colocaram também uma esteira sobre o local. Mais tarde a família de Abel retornou para Maronáua.

Atualmente os pais de Abel deixaram sua casa e foram morar com parentes no rio Envira.

SITUAÇÃO DA COMUNIDADE APÓS A MORTE DE ABEL

No dia em que Abel faleceu, à tarde, vários pajés foram à nossa casa pedir remédios para dor no peito, dizendo: obodidsa cũmatahi (o meu interior dói). Achamos que esta dor poderia ser efeito da sucção de dias e noites. Contudo, isto não se deu só com os pajés. Aos poucos, várias pessoas adultas vieram até nós pedir remédios, dizendo a mesma coisa.

Durante os dias de pajelança fazia muito frio e o pessoal ficava a noite toda na beira do fogo e no sereno. Por isto chegamos a pensar em gripe, mas não havia sinais da mesma nas pessoas que nos procuravam. Estas não apresentavam nenhum sinal, pista, que pudesse indicar o que por dentro estava doendo, tal qual aconteceu com Abel, que dizia que doia por dentro, mas não conseguimos identificar que parte de dentro doia. Em certo momento até pensamos que a doença de Abel poderia ter se espalhado causando uma epidemia. Convém ainda lembrar que várias famílias sairam de Sobral, por alguns dias, com medo de pegar esta doença. Um madija chegou a nos dizer: "Agora madija vai diminuir". No início não entendemos o que significaria esta frase. Depois de um certo tempo percebemos, pelas conversas, que tudo se tratava de dori.

Alguns Kulina nos disseram que quando o dori mata a pessoa, como teria acontecido com Abel, ele sai do morto e entra em outras pessoas. Os acontecimentos observados nos levaram a confirmar esta afirmação, pois após a morte de Abel havia constantes pajelanças nas casas e no terreiro.